



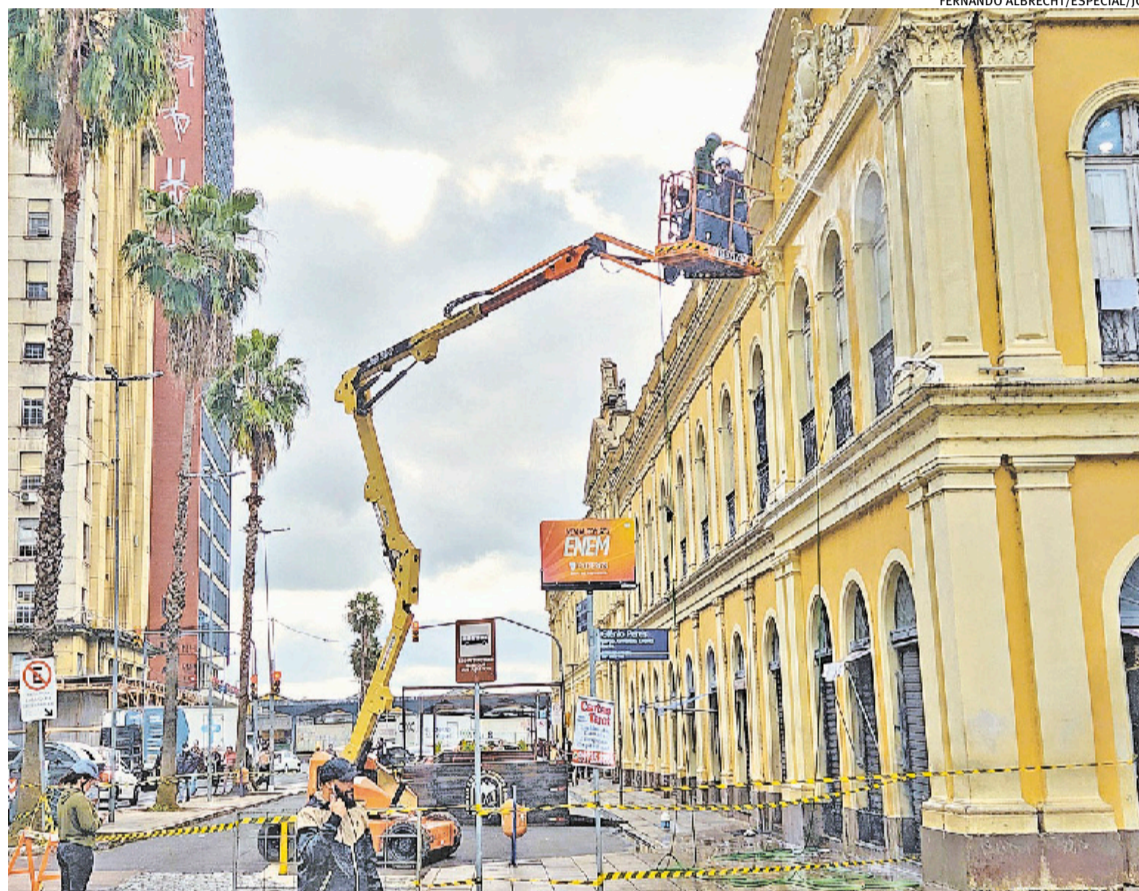
Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

Chuveiro ao contrário

Enquanto seres humanos tomam banho com água caindo de cima do chuveiro, prédios tomam banho de baixo para cima, com mangueira. O Mercado Público está sendo lavado no capricho e, em uma etapa posterior, vai ser repintado na parte interna. A cor ocre será a mesma por dentro e por fora. Quando foi construído, as tintas eram uma mistura de cal com tabatinga, argila de alta viscosidade, pra manter o aspecto original. Aliás, o Mercado Público é um dos poucos ou o único prédio público que tem PCCI, que significa funcionários treinados, um “brigadista” 24 horas, alarmes, extintores etc., um custo em torno de R\$ 50 mil por mês.



FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC

Fato e versão

Um mineiro muito sábio, chamado José Maria Alckmin, disse uma frase interessante nos anos 1950, que não interessa o fato, e sim a versão. Caso da visita do candidato Flávio Bolsonaro (PL) ao presidente Donald Trump. Para analistas, foi gol; para os petistas, bola fora. Mas o que acham disso os eleitores? Se souberem do caso.

O lado de lá Porém...

Um estudo da consultoria Data8 (2025) revela o tamanho do que está sendo ignorado: o público 50+, chamada de economia prateada, movimenta cerca de R\$ 2 trilhões por ano, o que representa 25% de todo o consumo das famílias – concentrando 35% dos gastos com saúde, que deve dobrar seu volume de consumo. Mas o foco da propaganda ainda fica no -50.

E sempre tem um, talvez generalizar como “economia prateada” tenha que ser dividido por “economia careca”. E pega um bocado de jovens.

O lado perverso do robô

A Tesla tem uma fábrica de automóveis no México com zero humanos, toda ela é robotizada. Não gasta com iluminação. Com o avanço dos robôs, cedo ou tarde a mecanização e robotização vão causar desemprego em penca.

Prejuízo dos Correios

De um leitor, sobre a nota que dei sobre os Correios: “Tentaram nos convencer que quando veio as taxas das blusinhas (quem inventa esses nomes?) o Correio perdeu milhões, e, agora, que tiraram as taxas? Como nos tiram para otários”.

Faltou fazer

Apesar da carta de intenções da prefeitura com metas grandiosas para o Centro Histórico, um dos entraves mais significativos para a reocupação comercial da área é o preço dos aluguéis. É só contar a quantidade de “aluga-se”. “A continuar assim, a Rua da Praia vai virar uma Farapos”, diz um empresário.

Crédito para investidores

Use suas aplicações para obter crédito e mantenha sua estratégia intacta.

Fale com seu gerente ou abra sua conta.



Ofertas ajustadas ao valor aplicado e à sua capacidade de pagamento

Prazo de até 120 meses

Taxas a partir de 0,29% a.m. + CDI

*Sujeito à análise de crédito

Sicredi | Sicredi Origens RS

HISTORINHA DE SEXTA

O banco do Alfaiate

De ler e ouvir causos de personagens folclóricos estamos cansados, mas não fartos. De minha parte, acho que são elas que colorem as cidades, embora, na hora, possam ser chatas. O tempo tem disso, apaga até as chatices. Um personagem que não esqueço, que se enquadra neste paradigma, foi o Alfaiate. Na realidade, não era um chato na acepção da palavra, o que nele me irritava era o drible que me dava quando eu queria escapar da mordida. E o cara era muito bom nisso. Alfaiate fora alfaiate mesmo, e era um ás no corte e costura, até que um problema psicológico o afastou da tesoura. Os que o conheceram antes me contaram que ele era bom em fazer ternos.

Usava um extemporâneo chapéu coco, aqueles arredondados que ingleses gostam muito. Calça e paletó da mesma cor, com pequenos retângulos de papel com dizeres enigmáticos colados onde houvesse espaço livre, às vezes o que pareciam ser iniciais, em outras nem Deus saberia traduzir o que eram. As letras eram em ângulos retos como os picos dos eletrocardiogramas. Em uma mão, uma surrada pasta de couro; na outra, um guarda-chuva enrolado no capricho, sempre na mão, mesmo com tempo aberto. O seu ponto preferido era na frente da Praça da Alfândega.

Não pedia dinheiro, até que em algum lugar do cérebro um neurônio despertasse, achando que desse mato sairia coelho. Foi assim comigo.

- Paga um cafezinho?

Paguei. Na época, dois reais, mas eu dei cinco. Simpatizei com o gajo. Mas não contava com sua astúcia. Dali para frente ele me via a léguas de distância e vinha correndo em minha direção, cortando passagem.

- Paga um cafezinho?

Paciência, aqui se faz, aqui se paga. Durante meses e meses esta situação se repetia. Às vezes, me surpreendia. Apontou para um pelucho grudado na altura do bolso, onde se lia STK.

- Sabe quem é?

- Não.

- Streck, Adroaldo Streck, o maior jornalista do Brasil.

Streck trabalhava na Rádio Guaíba de Breno Caldas. Naquele tempo, como dizia Jesus, eu era cliente do Citibank, cuja agência ficava na rua Sete de Setembro. Tentei uma rota alternativa para não vê-lo, mas foi inútil. Era como leão sentindo a presa. Voltei ao roteiro original, paciência. Então, um dia achei que era muito desaforo, onde já se viu aproveitar o coração mole de um jornalista. Decidi enfrentar a fera.

- Alfaiate, estou completamente sem dinheiro. Vou no banco e na volta pago teu café.

Ele me olhou fixamente por alguns segundos, como um promotor encara um criminoso no tribunal de júri. Ergueu lentamente o guarda-chuva e o apontou na direção oposta.

- Teu banco é pra lá.

Humildemente, e com o rabo no meio das pernas como cachorro de açougueiro acostumado a levar pontapé por tentar abocanhar carne do balcão, lhe alcancei dez reais. Ou, como o povo fala, déreal.

Maratona por dentro

Um aspecto curioso na maratona de domingo é o quilômetro 32 dos 42 previstos pela prova, que passará pelo interior do Mercado Público, devidamente sinalizado por gradis. Os últimos 10 quilômetros são sempre os mais difíceis. A maioria das maratonas é vencida por africanos, que, além da aptidão natural, são profissionais deste tipo de prova.